

Respirar fundo

Susana Paiva¹

Respirar fundo. Respirar fundo foi, durante muito tempo, a minha única solução para ganhar a necessária coragem e responder afirmativamente aos pedidos de organização do meu portefólio.

Seleccionar sempre me aterrou. Eliminar conjuntos de imagens, por vezes referências únicas a trabalhos com uma certa companhia, e criar argumentos sustentáveis para uma escolha do nosso próprio trabalho – sejam eles de ordem estética, técnica ou mesmo contextual – sempre me pareceram tarefas injustas e particularmente solitárias.

Seleccionar é condenar, precocemente, imagens a uma morte que, dessa forma, as impedirá de ver a luz do dia, elevando outras, certamente sínteses imperfeitas, à condição de ícone.

Acredito, e teimarei em acreditar, numa prática fotográfica múltipla e de partilha. Albergo o persistente e secreto desejo de encontrar um tempo e um espaço onde haja lugar para a cumplicidade da escolha.

Seleccionar é já interpretar. Reinterpretar um olhar, fazer juízo da beleza, significado e relevância de uma imagem.

Na fotografia de espectáculo, como em todas as outras áreas, estar à altura das expectativas é a mais dura e, porventura, dolorosa experiência. Fotografar é também aprender a viver espartilhado no delicado equilíbrio entre a nossa mundividência e a visão do mundo dos outros. Traduzir, em imagens, a essência de algo tão complexamente expresso por corpos que cruzam luzes ao ritmo de voláteis sons num espaço não obedece a regras nem oferece fórmulas de sucesso.

Fotografar espectáculos é tão intenso como estar vivo. Depende sobretudo da capacidade, diária e individual, de interpretar e de acreditar no sentido e na beleza das coisas que se nos apresentam.

Estar vivo é deixar-nos tocar pela vida e poesia que brota de alguns espectáculos. É compreender que, não obstante as nossas preferências estéticas e formais, há espectáculos que nos devolvem a magia e o mistério que, por vezes, falta ao quotidiano.

Confesso que o novo circo me despertou para uma renovada forma de efabulação – uma possibilidade de viagem já tão remota em algumas outras práticas artísticas. Chamem-lhe facilitismo, o que quiserem. A verdade é que lá encontrei artistas completos, cujas vozes e corpos me induziram em espaços de fantasia e encantamento que eu própria havia já esquecido.

Em Évora, durante os *Percursos*, depois do espectáculo de Camille Boitel – inclassificável, ousado dizer –, ouvi claramente diversos outros artistas participantes apelidarem-no de "fenomenal" ou mesmo de "inacreditável". Inexplicáveis minutos de prazer sensorial e intelectual, os de *O homem de Hus*. Primitivo e simultaneamente sofisticado. "Conceptual" ouvi, mais tarde, Camille dizer acerca do seu trabalho.

Um ano depois, ainda no âmbito dos *Percursos*, recebi mais duas dádivas de puro prazer – os Baro d'Evel que transportaram na magia do seu *Bechtout* os sons da tradição romani, tão delicadamente conjugados com o seu contagiante humor francês, e os portugueses Circolando que transformaram os espaços por onde passaram em calorosos e surpreendentes mecanismos de sedução de público.

Na praça do Giraldo, em Évora, os Circolando libertaram os seus homens-toupeira, herdeiros de uma reinventada tradição musical mineira e, no seu carrossel de bicicletas, puseram à roda a cabeça de um público entusiasmado. Mais tarde, no grande auditório do Centro Cultural de Belém, com *Giroflé* libertaram toda a sua poesia e delicada melodia e transportaram o público para um espaço entre a terra e o céu.

Chamem-lhe o que quiserem, já o disse. Continuarei a acreditar que a arte se partilha e, como tal, se sente. Pela via da razão ou pela via da emoção, o que verdadeiramente mais desejo é continuar a fotografar, comunicando que há ainda muitas e boas razões para, intensamente, abraçar esta vida.

Em La Ferme d'en Haut, Villeneuve d' Ascq, Lille, Abril de 2005

¹ Todas as fotografias integradas neste portefólio são creditadas a Susana Paiva / Percursos CCB.

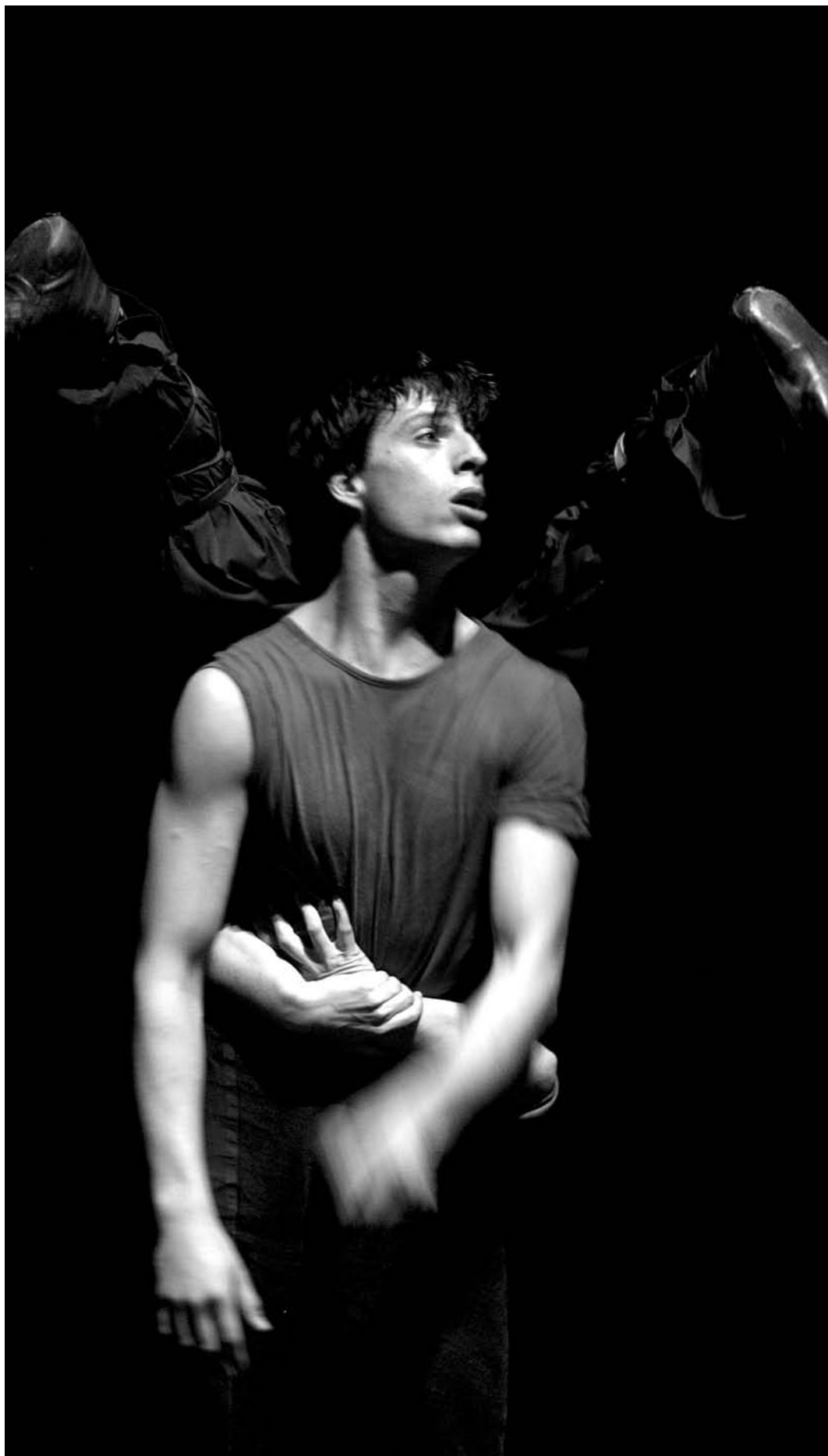


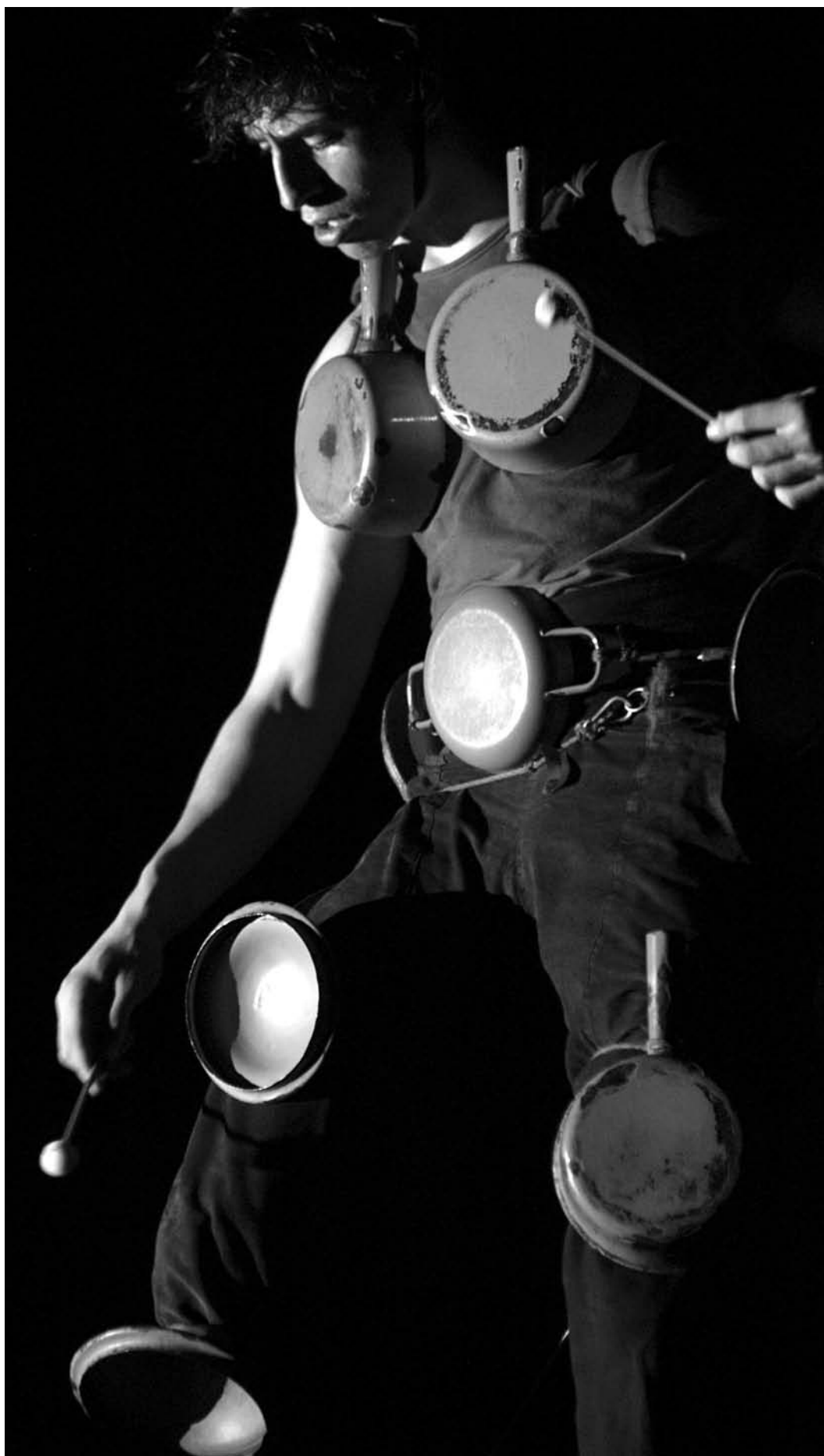
<

Bechtout,
criação colectiva Baro
d'Evel, colaboração na
encenação de
Michel Cerda e
Sébastien Lalanne,
Companhia Baro d'Evel,
Festival *Percursos*,
Teatro Viriato,
Viseu, Outubro de 2004.

>

Bechtout,
criação colectiva Baro
d'Evel, colaboração na
encenação de
Michel Cerda e
Sébastien Lalanne,
Companhia Baro d'Evel,
Festival *Percursos*,
Teatro Viriato,
Viseu, Outubro de 2004.





<

Bechtout,
criação colectiva Baro
d'Evel, colaboração na
encenação de
Michel Cerda e
Sébastien Lalanne,
Companhia Baro d'Evel,
Festival *Percursos*,
Teatro Viriato,
Viseu, Outubro de 2004.

>

O homem de Hus,
 direcção de Camille Boitel,
 Companhia La Mère Boitel,
 Festival *Percursos*,
 Teatro Garcia de Resende,
 Évora, Outubro de 2003.





<

O homem de Hus,
 direcção de Camille Boitel,
 Companhia La Mère Boitel,
 Festival *Percursos*,
 Teatro Garcia de Resende,
 Évora, Outubro de 2003.



<

Giroflé,
 criação colectiva
 Circolando,
 enc. André Braga,
 Companhia Circolando,
 Festival *Percursos*,
 Centro Cultural de Belém,
 Lisboa, Outubro de 2004.

>
Giroflé,
criação colectiva
Círculo,ando,
enc. André Braga,
Companhia Círculo,ando,
Festival *Percursos*, Centro
Cultural de Belém, Lisboa,
Outubro de 2004.





<

Giroflé,
criação colectiva
Círculo, enc. André Braga,
Companhia Círculo,
Festival Percursos,
Centro Cultural de Belém,
Lisboa, Outubro de 2004.

>

Giroflé,
criação colectiva
Círculo,ando,
enc. André Braga,
Companhia Círculo,ando,
Festival *Percursos*,
Centro Cultural de Belém,
Lisboa, Outubro de 2004.





<
Giroflé,
criação colectiva
Círculo, enc. André Braga,
Companhia Círculo,
Festival Percursos,
Centro Cultural de Belém,
Lisboa, Outubro de 2004.

>

Charanga,
criação colectiva
Circolando,
enc. André Braga,
Companhia Circolando,
Festival *Percursos,*
Praça do Giraldo,
Évora, Outubro de 2004.



>

Charanga,
criação colectiva
Circolando,
enc. André Braga,
Companhia Circolando,
Festival *Percursos,*
Praça do Giraldo,
Évora, Outubro de 2004.

